



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: PERSPECTIVA CRÍTICA DE INVESTIGAÇÃO DA LINGUAGEM EM RELAÇÃO COM AS MUDANÇAS SOCIAIS E CULTURAIS

Derli Machado de Oliveira [\[i\]](#)

Daisy Mara Moreira de Oliveira [\[ii\]](#)

Eixo temático 15: Estudos da linguagem

RESUMO:

Neste artigo teórico, traçaremos uma breve história da Análise Crítica do Discurso (ACD), que surgiu na década de 1980 com uma proposta interdisciplinária e transdisciplinária que articula pressupostos teóricos da Linguística Sistêmica Funcional (LSF), da Ciência Social Crítica (CSC) e da Semiótica Social (SS) e expandiu-se, ao longo das duas últimas décadas, para vários países da Europa, Ásia e América do sul, vindo a estabelecer-se como uma importante área de atividade acadêmica em que estudiosos de diversas disciplinas estão envolvidos. Apresentaremos as evoluções dessa abordagem na vertente social de Fairclough ([1992] 2001, 1999, 2003, 2006); destacaremos a concepção de discurso, conceito-chave para a ACD, e sua relação com os conceitos de ideologia, hegemonia e poder. Por fim, enfatizaremos o desenvolvimento das pesquisas norteadas pela ACD no Brasil.

Palavras-chave: Análise crítica de discurso de Fairclough; Discurso; Ideologia.

ABSTRACT:

In this theoretical paper, we will trace a brief history of Critical Discourse Analysis (CDA), which emerged in the 1980s with a proposal that articulates transdisciplinary and interdisciplinary theoretical assumptions of Systemic Functional Linguistics (SFL), Critical Social Science (CSC) and Social Semiotics (SS) and expanded over the past two decades, to several countries in Europe, Asia and south America, gradually

established itself as an important area of academic activity in which scholars from various disciplines are involved. We present the evolutions of this approach in the social aspect of Fairclough ([1992] 2001, 1999, 2003, 2006), we highlight the design of speech, a key concept for the ACD, and its relation to the concepts of ideology, hegemony and power. Finally, we will emphasize the development of research guided by the ACD in Brazil.

Keywords: Fairclough's critical discourse analysis; Discourse; Ideology

1. Introdução

De origem britânica, a Análise Crítica do Discurso (ACD) [\[iii\]](#) expandiu-se, ao longo das duas últimas décadas, para vários países da Europa, Ásia e América do sul, vindo a estabelecer-se como uma importante área de atividade acadêmica em que estudiosos de diversas disciplinas estão envolvidos. É um campo que se baseia em teorias sociais e aspectos da linguística, a fim de compreender e desafiar os discursos da contemporaneidade. Fairclough (2001, p. 28) explica que a abordagem “crítica” implica “[...] mostrar conexões e causas que estão ocultas; implica também intervenção – por exemplo, fornecendo recursos por meio da mudança para aqueles que estão em desvantagem”. Um método crítico para a análise do discurso é necessário, porque segundo o autor “[...] as relações entre a mudança discursiva, social e cultural não são transparentes para as pessoas envolvidas. Nem tampouco o é a tecnologização do discurso” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 28).

Teoria caracterizada por Chouliaraki e Fairclough (1999, p.16) como “*shifting synthesis of other theories*” (síntese mutante de outras teorias), a ACD surgiu com uma proposta interdisciplinária e transdisciplinária que articulava pressupostos teóricos da Linguística Sistêmica Funcional (LSF), da Ciência Social Crítica (CSC) e da Semiótica Social (SS). Nas palavras dos referidos autores, a ACD é “uma variedade de teorias em diálogo, especialmente teorias sociais de um lado e as teorias linguísticas, por outro” (idem, tradução nossa) [\[iv\]](#). Na tentativa de definir a nova disciplina, os autores esclarecem:

Entendemos a ACD tanto quanto teoria quanto método: como um método de analisar práticas sociais com atenção especial aos seus momentos discursivos na junção de preocupações práticas e teóricas e esferas públicas apenas aludidas, em que meios de analisar ‘operacionalisa’ – torna prática – construções teóricas do discurso na (modernidade tardia) vida social, e as análises contribuem para o desenvolvimento e a elaboração dessas construções teóricas (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 16, tradução nossa) [\[v\]](#).

Aqui convém ressaltar que apesar de esses e outros autores advogarem a existência de um método em ACD, ultimamente alguns autores da área têm contestado essa visão. Um deles é T. Van Dijk (2008) que concebe a ACD como uma postura, uma forma de encarar uma dada realidade discursiva e social. Ele defende que a ACD se trata de uma postura crítica na análise de uma situação de desigualdade. A análise, a partir dessa postura crítica, pode usar qualquer método que dê possibilidade de abarcar o objeto em questão. Para este autor os Estudos Críticos do Discurso “não são um método de análise, não existe este método. A ECD utiliza qualquer método que seja relevante para o objetivo de seus projetos” (VAN DIJK, 2008, p. 10).

Reforçando essa ideia, Dominique Maingueneau (2010, p. 63,64, destaques do autor) resalta que

“Frequentemente, a ACD é caracterizada não por uma metodologia própria, mas pelos temas que privilegia: racismo, sexismo, antisemitismo, fascismo...”. Acerca da metodologia em ACD, Pedrosa (2008, p. 152, grifos nossos) esclarece:

Os que fundamentam suas pesquisas na Análise Crítica do Discurso orientam para que os métodos utilizados sirvam para vincular a teoria com a observação. Seus métodos indicam as vias seguidas ou que serão seguidas pela investigação. Pelo fato de os investigadores seguirem vários enfoques, **a metodologia adotada, como não poderia deixar de ser, seguirá, também, vários caminhos, de acordo com os enfoques ressaltados.**

Sobre essa questão, buscamos descrever a natureza da ACD utilizando a metáfora do "mapa", no qual se tem marcada a localização das estradas (métodos); dos rios (conceitos teóricos básicos como ideologia, poder, hegemonia etc.) e assim por diante, de diferentes regiões/estados/municípios (áreas do conhecimento). Nesse sentido, para o analista crítico, a ACD serviria como um guia, uma orientação para as análises da sociedade através dos discursos. Caberia ao analista escolher, entre os múltiplos caminhos, aqueles que o façam chegar ao seu destino.

Retomando a apresentação da ACD, cabe aqui destacar que quando começou a se desenhar, no final da década de oitenta e início da década de noventa, essa vertente buscava resolver problemas teóricos e práticos na análise dos discursos e preencher uma lacuna deixada por outras teorias, como a Linguística Crítica, um grupo de linguistas que na década de 1970 combinavam as teorias e os métodos de análise textual da linguística sistêmica de Halliday (1978) com teorias de ideologia, e a Análise de Discurso Francesa, trabalhos de alguns franceses liderados por Michel Pêcheux que desenvolveram uma abordagem a análise de discurso fundamentada especialmente no trabalho do linguista Zellig Harris e na reconstrução de uma teoria marxista de ideologia feita por Althusser. A primeira dava muita ênfase na análise linguística e pouca nos conceitos de ideologia e poder, e a segunda seguia o caminho inverso: voltava-se para o aspecto social e relegava o linguístico. Para Fairclough (2001), as tentativas anteriores de articulação entre os estudos linguísticos e a teoria social tiveram sucesso limitado. Ele resume assim o que pensa dessas duas tentativas:

Ambas as tentativas apresentam um desequilíbrio entre os elementos sociais e os linguísticos da síntese, embora tenham pontos negativos e positivos complementares: nos primeiros, a análise linguística e o tratamento de textos linguísticos estão bem desenvolvidos, mas há pouca teoria social, e os conceitos de ideologia e poder são usados com pouca discussão e explicação, enquanto no trabalho de Pêcheux a teoria social é mais sofisticada, mas a análise linguística é tratada em termos semânticos muito estreitos (FAIRCLOUGH, 2001, p.20).

Acrescenta ainda, o mesmo autor, que as investidas anteriores basearam-se em uma visão estática das relações do poder, “com ênfase exagerada no papel desempenhado pelo amoldamento ideológico dos textos linguísticos na reprodução das relações de poder existentes” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 20). Deu-se, portanto, pouca atenção ao papel da linguagem na luta e na transformação nas relações de poder.

Apesar de considerar essas tentativas de sínteses inadequadas “para investigar a linguagem dinamicamente, em processos de mudança social e cultural” (FAIRCLOUGH, 2001, p.21), não podemos deixar de registrar que o autor vai incorporar à sua teoria conceitos da maioria dessas abordagens. Dentre eles podemos destacar o aspecto constitutivo do discurso, a interdependência das práticas discursivas, a natureza discursiva do poder, a natureza política do discurso e a natureza discursiva da mudança social (FOUCAULT, 1997, 2003).

Com vistas à formação de uma base para a construção de sua própria teoria, Fairclough (2001, p. 31) investigou e descreveu algumas dessas abordagens de análise do discurso, as quais ele dividiu em dois grupos, “segundo a natureza de sua orientação social para o discurso”: não-críticas e críticas. Para o autor, o segundo se diferencia do primeiro na descrição das práticas discursivas e na forma de mostrar não só como o discurso é moldado pelas relações de poder e ideologia, mas também os efeitos construtivos que o discurso exerce sobre identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença.

Entre os estudos classificados como não-críticos estão os de Sinclair e Coulthard (1975), cujo foco é os atos para o discurso em sala de aula; a análise da conversação, desenvolvida por um grupo de sociólogos que utilizavam uma abordagem interpretativa denominada etnometodologia, que focaliza a vida cotidiana, com particular atenção à conversação e nos métodos que seus praticantes usam para produzi-la e interpretá-la; o trabalho do linguista Labov e do psicólogo Fanshel (1977), um estudo sobre o discurso da entrevista psicoterapêutica; Potter e Wetherell (1987), pesquisadores que utilizaram a análise do discurso como um método na psicologia social (FAIRCLOUGH, 2001, p. 31-49).

Classificados entre os estudos críticos estão: (i) Linguística Crítica – tentativa de um grupo da Universidade de *East Anglia* na década de 1970, associados à teoria linguística funcionalista de Michael Halliday (1978, 1985), de reunir um método de análise linguística textual com uma teoria social do funcionamento da linguagem em processos políticos e ideológicos. (ii) Pêcheux e seus colaboradores – tentativa de combinar uma teoria social do discurso com um método de análise textual, enfocando principalmente o discurso político (FAIRCLOUGH, 2001, p. 46-59).

Para Fairclough (2001, p. 23), essas abordagens davam “atenção insuficiente a aspectos sociais importantes do discurso”. Ele aponta alguns fatores que dificultaram a tarefa de “reunir métodos para analisar a linguagem desenvolvidos na linguística e nos estudos de linguagem com o pensamento social e político relevante”, que contribuíssem para o desenvolvimento de uma “teoria social da linguagem adequada” que fosse útil para investigar as mudanças no uso da linguagem em relação a processos sociais e culturais (FAIRCLOUGH, 2001, p.19). São eles: (i) o isolamento dos estudos linguísticos de outras ciências sociais; (ii) a dominação da linguística por paradigmas formalistas e cognitivos; (iii) a falta de interesse pela linguagem por parte de outras ciências sociais; (iv) tendência de considerar a linguagem transparente.

Na tentativa de superar essas dificuldades, o pesquisador britânico procurou construir uma abordagem

crítica adequada à análise de discurso, buscando uma síntese teórica entre a Ciência Social e a Linguística, a qual denominou Teoria Social do Discurso.

Na reconstrução do percurso histórico da ACD, feita por Pedrosa (2008), a autora destaca como marco importante para o estabelecimento desta nova corrente da linguística a publicação, em 1989, dos livros *Language and Power* e *Language, power and ideology*, de Norman Fairclough e Ruth Wodak, respectivamente. Ressalta ainda a publicação em 1990 da revista *Discourse and Society*, por Teo van Dijk, que em 1984 já havia publicado a obra *Prejudice in discourse*, cujo tema era o racismo. Outro fato histórico destacado por Pedrosa (2008) é o simpósio realizado em Amsterdã, em janeiro de 1991, que além da presença dos pesquisadores mencionados acima, contou também com a participação de Gunter Kress e Theo van Leeuwen.

Já a pesquisadora Heberle (2000, p. 292), refere-se a "*Language and Control* (Fowler, Hodge, Kress; Trew, 1979) e *Language as Ideology* (Kress; Hodge, 1979)" como "primeiras publicações da ACD". Outras obras importantes do discurso fundador da ACD são: *Discourse and social change*, de Norman Fairclough (1992, tradução para o português em 2001 – *Discurso e mudança social*) e *Discourse in late modernity: Rethinking critical discourse analysis*, de Lilie Chouliaraki e Norman Fairclough (1999).

Em 1985, Fairclough registrou pela primeira vez, no artigo *Critical and Descriptive Goals in Discourse Analysis*, publicado pelo *Journal of Pragmatics*, o termo *análise crítica do discurso*.

A abordagem crítica tem suas bases teóricas em vista da relação entre 'micro' eventos (incluindo eventos verbais) e macro estruturas que vêm este último tanto como as condições e os produtos do primeiro, e que, portanto, rejeita as barreiras rígidas entre o estudo da macro (FAIRCLOUGH, 1985, p.31, tradução nossa).[\[vi\]](#)

Destacamos aqui também o livro organizado pela pesquisadora portuguesa Emília Ribeiro Pedro, *Análise Crítica do Discurso*, publicado em 1997. Além de apresentar os pressupostos teórico-metodológicos da ACD, essa obra fornece exemplos de aplicação deste tipo de análise para o estudo e a compreensão dos aspectos discursivos nos domínios político, educacional, midiático, jurídico, dentre outros.

Além dos autores acima mencionados, considerados os precursores e principais nomes dessa corrente teórica, outros pesquisadores de vários campos científicos com interesses e posturas diferentes têm utilizado em suas investigações a Análise Crítica do Discurso como ferramenta teórico-metodológica, sem, contudo, perderem de vista o compromisso social assumido explicitamente pela ACD com os grupos em situação de desvantagem. Como ressalta Heberle (2000, p. 290), a ACD "[...] constitui uma área multidisciplinar de estudos da linguagem, voltada para a investigação de fenômenos discursivos diversos, principalmente aqueles ligados a problemas de injustiça e opressão".

Este compromisso faz com que o foco principal durante o processo de análise seja as relações de poder. Neste sentido, a ACD busca revelar como os discursos podem servir à emancipação ou podem servir ao exercício do poder.

No livro *Discurso e Poder* (2008), Teun Van Dijk apresenta ferramentas de análise, utilizando como instrumento a ACD, para investigar as formas de abuso de poder – manipulação, doutrinação etc. – que ocorre através do discurso e são responsáveis pelas injustiças e desigualdades sociais. Segundo o autor (2008), o discurso controla mentes, que por sua vez controlam as ações. Assim, para aqueles que estão no poder, ter o controle do discurso é crucial.

Assim, em sua caminhada, a ACD vem debatendo questões ligadas ao racismo, à discriminação de gênero social, ao controle e à manipulação institucional, à violência, às identidades, à exclusão social, e tem sido empregada para revelar os mecanismos de poder envolvidos nos discursos sobre as questões ambientais; as questões de racismo; as questões educacionais, políticas, dentre outras.

A ACD é constituída de uma heterogeneidade de abordagens que tem fundamentado pesquisas acadêmicas. Dentre as principais versões destacam-se as propostas de Norman Fairclough, Teun van Dijk e Ruth Wodak. A diferença entre as três versões é caracterizada por suas diferentes relações interdisciplinares: Fairclough articula uma relação entre a Linguística Sistêmico-Funcional e Sociologia (vertente dialético-relacional); van Dijk articula Linguística Textual, Psicologia Social e Psicologia Cognitiva (vertente sociocognitiva); Wodak estabelece relação entre a Sociolinguística e a História (vertente histórica).

1. **As evoluções da Análise Crítica do Discurso à luz de Fairclough**

A teoria de Norman Fairclough é inovadora e dialética: inovadora na medida em que propõe examinar não apenas o papel da linguagem na reprodução das práticas sociais e das ideologias, mas também seu papel fundamental na transformação social; dialética porque considera o discurso, por um lado, moldado pela estrutura social e, por outro, constitutivo dessa estrutura. As Teorias de Fairclough têm sido influenciadas por Mikhail Bakhtin e Michael Halliday no campo linguístico, e os teóricos da ideologia, como Thompson, Antonio Gramsci, Louis Althusser, Michel Foucault e Pierre Bourdieu, por um lado sociológico.

A ACD desenvolvida por Fairclough, como já observamos anteriormente, focaliza os eventos discursivos e as condições sociais. Cinco obras [vii] deste autor marcaram progressivamente o desenvolvimento da Análise Crítica do Discurso na vertente social. A primeira, em 1991, *Language and Power*, apresentou o modelo teórico tridimensional, que foi posteriormente revisto, atualizado e aprimorado nas obras *Discourse and Social Change* (1992) e *Discourse and Late Modernity* (Chouliaraki e Fairclough, 1999). A teoria tridimensional, proposta por Fairclough (2001, p. 101), que compreende a análise do texto, da prática discursiva, e da prática social, emerge da noção em três dimensões que o autor tem do discurso: ele concebe o discurso como sendo simultaneamente um texto linguístico (oral ou escrito); uma prática discursiva e prática social.

Segundo o autor (FAIRCLOUGH, 2001, p. 100), a concepção tridimensional do discurso foi uma tentativa de reunir três tradições analíticas indispensáveis na análise do discurso: (i) a tradição de análise textual e linguística detalhada na Linguística; (ii) a tradição macrossociológica de análise da prática social em relação às estruturas sociais; (iii) a tradição interpretativa ou macrossociológica de considerar a prática social como alguma coisa que as pessoas produzem ativamente e entendem com base em procedimentos comuns compartilhados.

Na obra de 2003, *Analising discourse*, encontramos a concepção de que a “Linguagem (e de forma mais ampla ‘semiose’, inclusive para significação instância e comunicação através de imagens visuais) é um elemento do social em todos os níveis” [viii](FAIRCLOUGH 2003, p. 24, tradução nossa). O autor apresenta o seguinte esquema: orientação para que a investigação dos elementos da análise textual deve ser feita por meio de três níveis de abstração e seus respectivos momentos semióticos. São eles: eventos sociais, práticas sociais e estruturas sociais.

No nível mais abstrato das estruturas está a linguagem como sistema semiótico da estrutura social. “A forma como as instituições e as organizações estabelecem códigos para a orientação dos agentes no campo dá-se por meio da linguagem [...]” (ORMUNDO, 2010, p. 16). No nível intermediário, temos a ordem do discurso (as combinações particulares de gêneros, discursos e estilos) como momento semiótico que orienta a análise das práticas sociais. Finalmente, temos o principal material empírico com que analistas de discurso trabalham, mas não o único: o texto que constitui-se no momento semiótico que orienta a análise do evento social (ORMUNDO, 2010).

Na obra *Language and globalization*, Norman Fairclough (2006) contempla os efeitos da linguagem em processos de globalização, visando investigar a relação entre discurso e outros momentos desses processos. Nas palavras do autor, “meu foco no livro é, naturalmente, no discurso, e meu objetivo será mostrar o valor de uma versão específica da ADC para a análise da globalização”.

Estas obras elencadas acima consolidaram as bases teóricas para os estudos críticos da linguagem, fornecendo recursos analíticos valiosos para a compreensão da relação dialética entre discurso e as estruturas sociais, desvendando ideologias e relações de poder que subjazem as práticas discursivas nas diferentes esferas da sociedade. Na seção seguinte apresentamos um breve histórico da ACD no Brasil.

1. **Análise Crítica do Discurso: perspectivas tupiniquins**

No Brasil, a Análise Crítica do Discurso, especialmente a vertente de Fairclough, tem se consolidado como aparato teórico-metodológico multidisciplinar na área de Linguística e áreas correlatas das Ciências Humanas e Sociais para a investigação de práticas discursivas e sociais no mundo contemporâneo, principalmente em relação a questões de poder, identidade, ideologias e/ou (des)igualdades socioculturais. Textos orais, escritos e multimodais, de ambientes formais ou de interações informais de diferentes esferas da vida social, principalmente os da mídia, são focos de interesse da ACD. É, portanto, um campo de pesquisa e atuação em franca ascendência e conta com um número crescente de pesquisadores. Dentre seus expoentes mais destacados na área da Linguística podemos arrolar nomes como a de Izabel Magalhães, considerada a precursora desta corrente teórica por aqui. Desde a publicação do artigo *Por uma abordagem crítica e explanatória do discurso* (1986), essa autora vem destacando, em diversas pesquisas na Universidade de Brasília (UnB), a relevância dessa abordagem na investigação de diversas questões contemporâneas (1995, 2000, 2005). A tradução da obra *Discurso e mudança social* de Norman Fairclough, realizado pela autora, em 2001, é sem dúvida nenhuma uma primeira referência da ACD no Brasil.

Célia Maria Magalhães, outra pioneira da pesquisa na vertente britânica da análise de discurso no Brasil,

organizou, em 2001, a obra *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*, com o objetivo de divulgar as teorias e métodos da ACD. O capítulo 2 da referida obra contém o artigo de Norman Fairclough intitulado *A Análise Crítica do Discurso e a Mercantilização do Discurso Público: as Universidades*, traduzido por ela, no qual ele apresenta, de maneira resumida, a teoria e o quadro metodológico da ACD para a análise de eventos discursivos. Além desta publicação importante, essa pesquisadora tem lecionado disciplinas ligadas à ACD na Universidade Federal de Minas Gerais como também vem realizando e orientando pesquisas enquadradas nesta perspectiva teórica.

Viviane Resende e Viviane Ramalho são outras pesquisadoras que figuram na galeria de autores críticos, tendo publicado várias obras como *Análise de Discurso Crítica* (RESENDE; RAMALHO, 2006); *Análise de Discurso (para a) Crítica: o texto como material de pesquisa* (RESENDE; RAMALHO, 2011); *Análise de Discurso Crítica e Realismo Crítico* (RESENDE, 2010), dentre outras. Ramalho (2010) destaca a obra *Texts and Practices: Readings in Critical Discourse Analysis* de Carmen Rosa Caldas-Coulthard e Malcolm Coulthard, da Universidade de Santa Catarina (UFSC) e *Birmingham University*, publicada em 1996, como outro marco das pesquisas em ACD no Brasil. A autora faz menção ainda das contribuições de estudiosos/as como Figueiredo (2004), Heberle (2000, 2004, 2005), Meurer (2004, 2005, 2006), entre outros.

4. Conceitos-chave em Análise Crítica do Discurso

4.1 Discurso

Na noção de discurso empregada na ACD, ele ocupa um lugar central na vida social, haja vista que toda ação no mundo acontece a partir e através do discurso. Acerca desse papel de destaque do discurso, Ramalho (2010, p. 55, 56) enfatiza que "o objeto de estudo da ADC não é a linguagem como estrutura (sistema semiótico), tampouco como evento (texto), mas, sim, como prática social, ou seja, como (ordens de) discurso".

Na concepção de Fairclough (2003), o termo discurso adquire duas acepções: como substantivo mais abstrato e como um substantivo mais concreto. Na primeira significa "linguagem e outros tipos de semiose como momento irreduzível da vida social". De acordo com essa acepção, a linguagem, em práticas sociais, figura como discurso, o momento semiótico que se articula com os demais momentos não-semióticos. Na segunda, significa "modos particulares de representar parte do mundo". Conforme essa acepção, momentos semióticos de diferentes práticas sociais originam (redes de) ordens de discurso. Estas, por sua vez, são formadas por gêneros, discursos e estilos próprios de cada campo ou atividade social.

Segundo Fairclough (2006), discurso é um momento das práticas sociais interconectado a outros momentos. As práticas sociais, dentre elas a religião, enquanto formas mais ou menos estáveis de atividades sociais, são formadas por diversos elementos, dentre os quais figura o discurso como um elemento que ajuda na estruturação social e se materializa nos textos que, em ACD, constituem a principal categoria de análise. A relação dialética entre 'momento' (discurso) e outros 'momentos' da prática social é assim explicada pelo autor:

Dizer que relações entre momentos sejam dialéticas significa que, embora elas sejam diferentes umas das outras, e que uma não pode ser reduzida a outra, elas não são distintas, isto é, os limites entre elas são fluidos – eles se ‘imiscuem’ (FAIRCLOUGH, 2006, p. 30, tradução nossa). [ix]

Retomando apontamentos de Harvey acerca desse tema, Fairclough ressalta que “[...] discursos internalizam em algum sentido tudo que ocorre como outros momentos, e os efeitos discursivos permeiam e saturam todos os outros momentos”. Dessa forma, continua o autor, “[...] quando mudanças no discurso são operacionalizadas, o discurso, por assim dizer, ‘transforma-se em outras coisas’” (FAIRCLOUGH, 2006, p. 30, tradução nossa). [x]

A respeito da relação dialética entre discurso e práticas sociais, Ramalho (2010, p. 117) explica que

Uma vez que a ativação simultânea dos mecanismos e poderes do estrato semiótico e de outros estratos não-semióticos gera efeitos em práticas sociais e eventos, entende-se que fenômenos discursivos são, parcialmente, fenômenos sociais, e vice-versa.

Seguindo esse viés teórico da ACD, é imprescindível fazermos uma análise sócio-histórica das condições de produção do discurso iurdiano ora em estudo. Para isso será necessário analisarmos as mudanças ocorridas no cenário sócio-econômico-cultural nas últimas décadas.

4.2 Ideologia: relações de hegemonia e poder estabelecidas por meio da linguagem

A concepção de ideologia da ACD provém da teoria de Thompson (2001), na qual é ressaltada sua dimensão crítica. Contrapondo-se às concepções neutras que tentam caracterizar fenômenos ideológicos sem associá-los a interesses de grupos em particular, a concepção crítica postula que a ideologia serve para estabelecer e sustentar relações de dominação, reproduzindo a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes. Fairclough (2003, p. 9, tradução nossa) a conceitua assim: “Ideologias são representações de aspectos do mundo que podem ser mostradas para contribuir para o estabelecimento, manutenção e mudança das relações sociais de poder, dominação e exploração”. [xi] É por isso que Fairclough (2003, p.9, tradução nossa) deixa claro que

Representações ideológicas podem ser identificadas em textos [...] como ‘significações ao serviço do poder’, mas ao dizer que as ideologias são representações que podem ser mostradas para contribuir para as relações sociais de poder e dominação, eu estou sugerindo que a análise textual precisa ser tratada, nesse respeito,

em análise social que considera os corpos dos textos nos termos de seus efeitos nas relações de poder [...]. [xii]

Ainda segundo a concepção do teórico, “[...] se as ideologias são representações, em princípio, elas também podem ser ‘postas em ação’ nas encenações sociais, e ‘inculcadas’ nas identidades dos agentes sociais (FAIRCLOUGH, 2003, p.9) [xiii].

Desse modo, na perspectiva da ACD, as relações de dominação são compreendidas por meio da análise da ideologia. Para isso são investigados os aspectos linguísticos e semióticos que contribuem para fortalecer os que detêm o poder nas relações sociais, através das escolhas que fazem de determinadas frases, palavras, imagens nas produções textuais fala ou escrita e visual.

Assim, de um modo geral, a ACD pretende mostrar, em cada contexto de situação específico relacionado a determinado evento discursivo de determinada instituição, o modo como as práticas linguísticas discursivas estão imbricadas com as ideologias e as estruturas sociopolíticas mais abrangentes, de poder e dominação. Nessa perspectiva a linguagem é um meio de dominação e de força social, produzindo textos que se vinculam aos gêneros dos discursos os quais, por sua vez, servem para legitimar as relações de poder estabelecidas institucionalmente. De acordo com Ramalho (2010, p. 117, 118),

Como ciência crítica, a ADC ocupa-se de efeitos ideológicos que sentidos de textos, como instâncias de discurso, possam ter sobre relações sociais, ações e interações, pessoas e mundo material. Suas preocupações direcionam-se a sentidos que possam atuar a serviço de projetos particulares de dominação e exploração, seja contribuindo para modificar ou sustentar, assimetricamente, identidades, conhecimentos, crenças, atitudes, valores, ou mesmo ‘para iniciar guerras, alterar relações industriais’ [...]. Esse foco de atenção insere a ADC no paradigma interpretativo crítico, pelo qual intenta oferecer suporte científico para estudos sobre o papel do discurso na instauração e manutenção de problemas sociais.

Segundo Ruth Wodak (2003), os estudos da ACD têm interesse especial pela linguagem, pelo fato de ela mediar a ideologia e levam em conta que o discurso é estruturado pela dominação e historicamente produzido e interpretado. Mais do que uma análise do texto, serve como guia das ações humanas, pois procura desmistificar os discursos, decifrando as ideologias nele presentes, promovendo conscientização e emancipação. Assim, a tríade linguagem-prática social-poder é de fundamental importância para a ACD. Tornar explícitas relações opacas de poder é o principal objetivo desta abordagem. Em relação ao conceito de poder, Fairclough (2001, p. 122) se baseia na concepção de hegemonia de Gramsci:

hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade.

Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais [...].

Portanto, até aqui podemos observar que o conceito de ideologia está intrinsecamente relacionado aos de hegemonia e poder. Desse modo, a desconstrução ideológica de textos que compõem práticas sociais, a fim de desvelar relações de dominação, é prioridade para a ACD.

Considerações finais

Pelo exposto acima, pode-se dizer que a Análise Crítica do Discurso pretende analisar, portanto, não apenas as características linguísticas dos textos, mas também questões sociodiscursivas que permeiam a contemporaneidade. De caráter interdisciplinar, não só os pressupostos teóricos que servem a essa abordagem têm origem em várias áreas do conhecimento, como também diversas áreas científicas a tem usado como instrumental teórico-metodológico para compreensão do discurso como um elemento de práticas sociais interconectado a outros elementos.

Dessa forma, ao longo das últimas décadas, a proposta analítica da ACD tem servido para investigar diferentes discursos, as práticas sociais nos quais eles ocorrem e as estruturas sociais mais amplas.

[i] Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor efetivo da Universidade Federal de Sergipe, departamento de Letras , campus Itabaiana.

[ii] Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Sergipe.

[iii] Em algumas citações poderão aparecer Análise de Discurso Crítica ou ADC, visto que alguns autores (as) brasileiros (as) utilizam essa nomenclatura em seus trabalhos.

[iv] "We see CDA as bringing a variety of theories into dialogue, especially social theories on the one hand and linguistic theories on the other [...]" (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 16).

"we see CDA as both theory and method as a method for analysing social practices with particular regard to their discourse moments within the linking of the theoretical and practical concerns and public spheres just alluded to where the ways of analysing operationalisc - make practical - theoretical constructions of discourse in (late modern) social life, and the analyses contribute to the development and elaboration of these theoretical constructions" (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 16).[v]

[vi] No original: "The critical approach has its theoretical underpinnings in views of the relationship between micro events (including verbal events) and 'macro' strutures which see the latter as both the conditions for and the products of the former, and which therefore reject rigid barriers between the study of the 'macro'".

[vii] Não relacionamos todas. Destacamos aqui as que consideramos principais.

[viii] No original: "Language (and more broadly semiosis, including for instance signification and communication through visual images) is an element of the social at all levels".

[ix] No original: "To say that the relations beetween moments is dialectical means that although they are

different from one another and one cannot be reduced to another, they are not discrete, i. e. the boundaries between them are fluid – they ‘flow into’ each other”.

[x] No original: “[...] discourses ‘internalize in some sense everything that occurs as other moments’, and ‘discursive effects suffuse and saturate all other moments’. So for instance when changes in discourse are operationalized, discourse so to speak ‘turns into other things’ – a neo-liberal representation of or imaginary for a country, for example, ‘turns into’ a neo-liberal political economy, new practices of various sorts, new identities, new material realities”.

[xi] No original: “Ideologies are representations of aspects of the world which can be shown to contribute to establishing, maintaining and changing social relations of power, domination and exploitation”.

[xii] No original: “Ideological representations can be identified in texts [...] as ‘meaning in the service of power), but in saying that ideologies are representations which can be shown to contribute to social relations of power and domination, I am suggesting that textual analysis needs to be framed in this respect in social analysis which can consider bodies of texts in terms of their effects on power relations”.

[xiii] No original: “Moreover, if ideologies are primarily representations, they can nevertheless also be enacted in ways of acting socially, and inculcated in the identities of social agents”. (tradução nossa)

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. Critical and Descriptive Goals. In: **Discourse Analysis Journal of Pragmatics** pp. 739-763 [1985].

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001a.

_____. A análise Crítica do discurso e a mercantilização do Discurso Público: as Universidades. In: MAGALHÃES, Célia (org.). **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001b.

_____. **Analysing discourse**. Textual analysis for social research. Londres; nova York: Routledge, 2003.

_____. **Language and globalization**. London: Routledge, 2006.

FIGUEIREDO, D. C. Culto ao corpo e identidade feminina: uma análise do discurso midiático sobre o emagrecimento. In: **Atas do VII ENIL – I Simpósio Internacional de Análise de Discurso Crítica**, 2005, Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Depto. de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernáculas, v. I, CD, 2004

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1997.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. **Language, context and text**: aspects of language in

a

social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HEBERLE, Viviane M. **Representação das experiências femininas em editoriais de revistas para mulheres.** Discurso y Sociedad, Barcelona, Gedisa, vol 1, n.3, p 73-86, set. 1999. Disponível em Acesso 10/06/2010.

_____. Análise crítica do discurso e estudos de gênero (gender): subsídios para a leitura e interpretação de textos. In: FORTKAMP, Mailce B. M., TOMITCH, Lêda M. B. (Org.). **Aspectos da lingüística aplicada** - estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn. Florianópolis: Insular, 2000. p 289-316.

MAGALHÃES, Célia (org). **Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso.** Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MAGALHÃES, Maria Izabel Santos. **Por uma abordagem crítica e explanatória do discurso.** D.E.L.T.A., 2 (2), 1986, p. 181-205.

_____. **Teoria crítica do discurso e texto.** Linguagem em (Dis)curso, 4, 2004. Disponível em: . Acessado em 15/01/2012.

MAINGUENEAU, Dominique. Crítica (Análise): As condições de uma Análise crítica do discurso. In: MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010

PEDRO, Emília Ribeiro (org). **Análise Crítica do Discurso.** Lisboa: Caminho,1997.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. **Análise Crítica do Discurso:** do lingüístico ao social no gênero midiático. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2008.

RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso Crítica da publicidade:** um estudo sobre a promoção de medicamentos no Brasil. Livros labCom. Série: Estudos em comunicação. Disponível em . Acessado em 30 de jun 2011.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica e realismo crítico:** implicações interdisciplinares. Campinas, SP. Pontes Editores, 2009.

RESENDE, Viviane de Melo; PEREIRA, Fábio Henrique (Orgs.). **Práticas socioculturais e discurso:** debates transdisciplinares. Livros labCom. Série: Estudos em comunicação. Disponível em: . Acessado em 30 de jun 2011.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica.** São Paulo: Contexto, 2006.

VAN DIJK, T.A. **Discurso e poder.** São Paulo: Contexto, 2008.

WODAK, Ruth. **De qué trata el análisis crítico del discurso.** Resumen de su história, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos. In: _____; MEYER, Michel. Métodos de análisis crítico del discurso.

Barcelona: Gedisa, 2003, p. 17 – 34.